

## **Artesanato e design: parcerias para uma identidade com futuro**

João Branco  
Sandra Baptista

### **Abstract**

*O design pode colaborar na dinamização do artesanato e dele retirar bases para o desenvolvimento de ambos? A resposta a esta pergunta permite perspectivar a questão a dois níveis:*

- encontrar plataformas para um design que expresse uma identidade, que a prazo lhe pode conferir a marca dessa mesma distinção, e
- proporcionar um novo fôlego para o artesanato tradicional e urbano/contemporâneo.

*Esta comunicação pretende ilustrar, com alguns exemplos recentes de parcerias entre o design e o artesanato, caminhos possíveis para a dinamização das duas disciplinas.*

### **Artesanato e design: parcerias para uma identidade com futuro**

O artesanato e o design, embora se situem em campos razoavelmente afastados, partilham alguns problemas e desafios, tendo em comum um antepassado estruturante dos processos em que se misturam a concepção e o gesto criador. E talvez por isso, entre nós o design e o artesanato sejam fonte de equívocos associados a tudo o que é mal assimilado e pensado, ou com ritmos prejudiciais a que deveremos juntar as atávicas faltas de recursos, os défices culturais e educacionais e, mais recentemente, uma curiosidade pouco consistente por parte de algumas instituições, pautada por um misto de moda e tendências sociais.

A verdade é que do ponto de vista da actividade, o artesanato parece estar numa fase de recuperação do declínio, enquanto o design se afirma junto das empresas, das instituições e dos consumidores com as naturais dificuldades dos processos deste tipo que acrescem à diversidade dos protagonistas envolvidos.

A questão que nos interessa levantar neste momento, é a de saber se o design pode colaborar na dinamização do artesanato e dele retirar bases para o

desenvolvimento de ambos? Isto quer significar que encaramos o problema numa dupla perspectiva:

- encontrar plataformas para um design que expresse uma identidade, que a prazo lhe pode conferir a marca dessa mesma distinção, e
- proporcionar um novo fôlego para o artesanato tradicional e urbano/contemporâneo.

Gostaríamos de distinguir no artesanato, aquele a que normalmente se chama de tradicional e o que é designado por urbano, por novo, próximo de algumas intervenções das artes plásticas, ou do design de autor. Estas duas espécies de artesanato só mantêm algumas afinidades no que se refere a uma intensa incorporação de mão de obra na realização dos artefactos e na micro-dimensão das unidades que os produzem. Esta situação obriga a que seja necessário rodear uma possível intervenção do design de cuidados muito especiais, nomeadamente, no que toca ao artesanato tradicional. É que este, porque genuíno, transporta memórias de um saber fazer que tem um lugar importante do ponto de vista sociológico, histórico e cultural que convém não perturbar, sobretudo se tiver público interessado que garanta a sua subsistência económica. O artesanato tradicional poderá continuar o seu caminho, contando até pelas razões referidas, com alguns apoios institucionais que o ajudem a consolidar-se como portador de diferentes mensagens que devem ser transmitidas para as gerações seguintes.

Independentemente destas preocupações dissemos que vemos com bons olhos a aproximação do design ao artesanato, seja ele tradicional, ou urbano. No primeiro caso, como fonte de inspiração e de reflexão que poderá resultar em objectos mais adequados aos nossos tempos, dando expressão à verdade dos percursos que, baseados no saber e na arte do passado conseguem propor um futuro com identidade. E talvez esteja neste processo a solução para a afirmação de alguma indústria nacional através da recuperação de algo que soubemos, sabemos fazer e compreender de um modo muito específico e que poderá, via design industrial ou de pequenas séries, dar origem a linhas de

produtos diferenciados com alicerces tão sólidos como a nossa história e a nossa cultura.

No segundo caso, o do artesanato urbano, contemporâneo, o design poderá trazer também, grandes benefícios à actividade e isto porque pensamos que ela dispõe de algumas características importantes como a criatividade, a exploração de novas formas, a especulação estética de materiais e técnicas, a actualização das linguagens por referência à variação dos padrões de consumo. Mas, simultaneamente, falta-lhe racionalidade e viabilidade económica ao nível do negócio e o “know-how” da distribuição, da comercialização e da comunicação. O design pode ajudar a resolver muitas destas questões ao enquadrá-las do ponto de vista projectual, que o mesmo é dizer, pensar estes problemas com base em informação mais segura e indicada, em contextos e ambientes mais adequados às condições de operação praticadas por quem produz para os mercados, propondo soluções que interessam a todos os parceiros da fileira do negócio.

Sabendo-se que os cenários de globalização actuais causam um efeito de resistência dos consumidores, pelos menos dos mais avançados, à standardização dos produtos e motivam a procura de soluções diferenciadas e cada vez mais autênticas, parece encontrada uma base da receita possível de renovação das ofertas artesanal e industrial, em que o design funcionará como um integrador de todas as qualidades, como um instrumento multiplicador das vantagens específicas e da ligação entre estas actividades.

Uma última nota para a recuperação de algumas ideias estruturantes da Bauhaus no que respeita ao ensino do design. Na altura, como hoje, é interessante pensar a intervenção dos artífices e dos artesãos na formação dos designers. O contacto com a manualidade, com os segredos e com os gestos que são a expressão da memória do saber, das linhas invisíveis da construção dos artefactos, continua a ser importante, mesmo que o acesso a estas informações apresente uma nova dinâmica que se situa entre o artífice industrial e a lógica da produção empresarial.

Esta aproximação, independentemente da fórmula exacta, parece poder constituir um polo inesgotável para parcerias, para actuações interactivas que os mercados sublinham com agrado.

As tentativas de humanização, da diferenciação no quadro da globalização constituem uma hipótese de jogo apreciado e premiado por segmentos de públicos que se assumem como consumidores multidimensionais.

Afinadas algumas das linhas de intervenção nestes cruzamentos interdisciplinares, ressalvados os cuidados necessários para não interferir com a preservação dos patrimónios, pensamos que existe um espaço de aprendizagem, de especulação e de realização que beneficiará o artesanato e o design.

Gostaríamos agora de vos dar conta de algumas iniciativas que ilustram a variedade e a riqueza de associações, de parcerias possíveis para o design e para o artesanato.

Para esse efeito, elegemos o Centro Regional de Artes Tradicionais (CRAT). É uma associação sem fins lucrativos de utilidade pública cujo principal objectivo é promover a investigação e divulgação dos ofícios e produtos artesanais, assim como as propostas inovadoras que vão surgindo.

Tem como sócios fundadores a Câmara Municipal do Porto, a Comissão de Coordenação da Região Norte e o Ministério da Cultura – Delegação Regional do Norte. Estabelecendo ainda parcerias com outras instituições que, também se dedicam à dinamização do sector artesanal, como é o caso do PPART (Programa para a Promoção dos Ofícios e das microempresas artesanais, que integra representantes dos Ministérios do Trabalho, do Planeamento, da Economia, da Agricultura, da Educação, da Cultura e da Igualdade, com o objectivo de valorizar o sector artesanal), da Casa do Risco de Felgueiras (uma associação para a qualificação do bordado daquela região) e da Associação Porto Histórico (uma associação que reúne autarquias, instituições e associações empresariais para a promoção turística da cidade do Porto).

A concretização desse objectivo tem lugar num edifício seiscentista, guarnecido com gradeamentos a ferro forjado, situado na zona histórica da cidade do Porto. Lugar onde se dá alma a variadíssimos projectos que se prendam com o estudo e recolha de informação e documentação, que preencham as lacunas pedagógicas através da formação a vários níveis, que promovam as artes e ofícios tradicionais através de iniciativas de animação turística e cultural e que apoiem as produções artesanais nas várias fases do processo, desde a fase da projecção à da comercialização, de forma criteriosa, promovendo sempre a defesa da qualidade dos produtos, bem como a sua identificação genuína.

Para melhor responder a esses projectos, o CRAT faz-se **compor** de quatro sectores, cada um com competências muito específicas. São eles o Centro de Estudos e Documentação, o Gabinete de Apoio ao Artesão, o sector dedicado às exposições e um outro dedicado à formação pedagógica e animação cultural.

Este centro constitui assim, um espaço aberto ao debate de idéias, sendo uma base de apoio a todos os que se interessam pela área. Até ao neste momento é a única instituição portuguesa a promover a investigação e publicação de temas relacionados com o artesanato.

Para colmatar a necessidade de registar inúmeras práticas tradicionais ligadas às artes e ofícios foi criado o Centro de Estudos e Documentação, com o intuito de apoiar a investigação para que essas práticas sejam perpetuadas na nossa memória.

O CED tem um espaço onde concentra informação sobre o artesanato e outras áreas do saber, que com ele se relacionem, directa ou indirectamente. Da base bibliográfica deste centro também fazem parte alguns estudos e edições realizados pelo CRAT, contribuindo, desta forma, para o enriquecimento da disciplina.

Para além disso, tem a seu cargo a coordenação da revista “mãos”, uma edição que vem preencher a lacuna existente no mercado das publicações especializadas e que abre um espaço à discussão de temas sobre as artes e ofícios portugueses. Dirigida àqueles que procuram um mundo mais humanizado, que têm

especial interesse pelas questões culturais e ornar com interessa para tudo o que vai acontecendo nesse âmbito. Esta revista é editada pelo CRAT e conta com o apoio do CEARTE (Centro de Formação Profissional do Artesanato), do PPART e do CRAA (Centro Regional de Apoio ao Artesanato, dos Açores).

O Gabinete de Apoio ao Artesão (GAA) tem como função criar meios que ajudem à sustentabilidade do artesanato, criando condições para facilitar a sua inserção num mercado altamente concorrencial. Para isso criou uma extensa base de dados, a DemoCraT, que visa reunir o máximo de informação sobre os artesãos e seus produtos, com o intuito de aproximar os produtores de potenciais consumidores ou investigadores; informação essa que, em breve, será colocada na Internet, facilitando o acesso a os que a desejem consultar.

O GAA disponibiliza ainda um espaço para a promoção e venda de produtos artesanais de qualidade, a Arte facta, podendo-se aí encontrar produtos tradicionais ou contemporâneos. As peças aí comercializadas vêm perfeitamente identificadas com o nome do artesão e o tipo de produto.

Para além disto, este sector presta consultoria jurídica e fiscal, com o intuito de facilitar a tomada de decisão.

“Redescobrir as memórias ricas de artes e ofícios, materiais e tecnologias, mas sobretudo descobrir o prazer de o fazer com as próprias mãos” é o espírito com que as Oficinas do CRAT realizam, ao longo do ano inúmeras acções de formação e dão voz a projectos de animação cultural, constituindo um espaço cultural aberto ao diálogo das gentes e suas culturas.

Os ateliers de formação têm a função de ensinar ou aprofundar os conhecimentos sobre os ofícios tradicionais portugueses, a todos aqueles que manifestem interesse nesse sentido. Para isso têm acções para os diferentes níveis de formação, isto porque as motivações de quem procura este tipo de iniciativas são muito diferentes, que vão desde o profissional que quer aperfeiçoar a sua técnica à pessoa que nada sabe sobre a tecnologia em questão.

Paralelamente são realizadas animações culturais, em que as crianças e jovens são os principais protagonistas, tendo sido uma iniciativa que, posteriormente, se alargou aos adultos Tendo como principal objectivo o de sensibilizar os públicos para as práticas tradicionais portuguesas.

O outro sector do CRAT que falta referir dedica-se à concepção e produção de exposições. O trabalho por ele realizado é reconhecido pelo rigor científico dos seus conteúdos e a sua qualidade estética.

O principal objectivo das exposições levadas a cabo, é a divulgação do património cultural, social e artístico do nosso país, sendo, geralmente, o resultado de uma investigação realizada, ou funcionando como um ponto de partida para futuros estudos sobre o tema. Este tipo de iniciativas compõem um outro meio de registar actividades já extintas, ou que estão prestes a desaparecer.

As regulares exposições realizadas pelo CRAT são palco para o confronto entre o tradicional e o

contemporâneo, sendo um espaço que permite a coexistência destas duas abordagens, estabelecendo-se, assim, um permanente diálogo baseado na confrontação de idéias.

A comprovar a abertura que este centro tem face às transformações estéticas e tecnológicas refere-se a exposição “Reinventar a matéria”, que o CRAT recebe em suas instalações e que resultou de uma produção conjunta do CRAT e da ESAD (Escola Superior de Artes e Design) e cujo principal objectivo era promover uma estreita ligação entre artesãos e designers, com vista à criação de artefactos inovadores, que permitam uma maior difusão dos produtos artesanais nos mercados contemporâneos.

Esta exposição surge numa altura onde os valores e as necessidades estão em constante mudança, o que “ontem” era valido, hoje já não resolve o problema, pois as variáveis que o compõem vão-se alterando e multiplicando. Por isso, esta exposição pretende ser um espaço à reflexão, onde são discutidas as linhas condutoras das novas dinâmicas, traçando apontamentos de como poderá ser a interacção entre as duas disciplinas em causa.

O actual contexto social, parece atribuir especial importância à ecologia, à natureza, ao simbólico e ao espiritual, paradigmas a que o artesanato está apto a responder com distinção, necessitando apenas de uma recontextualização/refuncionalização dos produtos e ferramentas que dele fazem parte. É nesta linha de pensamento que entra o design, agindo como instrumento de inovação que permitirá adequar esses produtos às necessidades actuais e fazer deles uma real alternativa áqueles produzidos pelas grandes indústrias.

Aos autores das peças era pedido que fizessem uma simbiose entre os “novos” materiais e as “baixas” tecnologias, com vista a preencher os espaços vazios que os produtos “high-tech” não conseguem dar resposta. As soluções apresentadas foram muito diversificadas, umas preocupadas em otimizar a utilização da matéria-prima; outras com preocupações ambientalistas, reciclando materiais; outras ainda que optam por refuncionalizar objectos obsoletos ou recontextualizar os arquétipos tradicionais. Enfim, as propostas vão desde concepção de objectos que respondam a uma necessidade específica a outras que se fazem recorrer da linguagem poética para provocar uma determinada emoção no seu utilizador.

João Branco

Msc em design e marketing pela Universidade do Minho;  
Assistente Convocado do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro;  
Assistente Convocado do Instituto de Artes, Design e Marketing -IADE - Lisboa - Portugal;  
Consultor do Centro Português de Design para as áreas de design management e marketing;  
e-mail: j.a.branco@mail.telepac.pt  
telf. +351234370080  
fax: +531234370868

Sandra Baptista

Finalista do curso de Design – ramo de comunicação;  
Encontra-se a fazer uma investigação na área do artesanato, de que forma é que o design pode intervir nesta área.  
e-mail: casbaptista@alunos.cic.ua.pt